



Motivações e subsídios **para jovens e comunidades**

Este Caderno reúne

MOTIVAÇÕES E SUBSÍDIOS
para lideranças, Ministros e Ministras
das Comunidades.

O objetivo é auxiliar na preparação de atividades com jovens no período do Advento, Epifania e Paixão.

Que o Espírito Santo de Deus ilumine você e as iniciativas da sua comunidade com os jovens.

Motivações e subsídios para jovens e comunidades

Publicação coordenada pelo Sínodo
Sudeste—IECLB

Novembro de 2012

Colaboradoras/es: Pa. Neusa Tetz-
ner, Missionária Sílvia Weingärtner
Lhulhier, Pa. Elisabet Lieven, P.
Dr. Pedro Alonso Puentes Reyes,
P. Alberi Neumann, P. Guilherme
Lieven



SÍNODO SUDESTE

Rua Barão de Itapetininga, 255, Cj. 510
01042-001 São Paulo—SP
sinodosudeste@luteranos.com.br



Apresentação 7

Esperança - Tempo de Advento 9

Deus se revela no Quotidiano - Epifania 19

A Parábola do Filho Pródigo — Epifania 25

O Silêncio Ativo de Deus - Paixão 33

Dinâmicas de Grupo 42



Apresentação

Um grupo de trabalho do Sínodo Sudeste reuniu-se para delinear um projeto de preparação de subsídios para jovens e comunidades. A ideia surgiu após o encontro de lideranças jovem que aconteceu em Araras- Petrópolis – RJ,. Na avaliação do encontro, jovens apontaram a falta de material e motivações com conteúdos contextualizados.

O pastor sinodal, Guilherme Lieven, convidou dois ministros/as com Ordenação, de cada núcleo/UP do Sínodo Sueste, para compor o grupo de trabalho e ajudar na reflexão e elaboração desta proposta. Após uma rica reflexão e partilha sobre o assunto, a proposta recebeu o apoio, na esperança que venha preencher um vazio existente na área de atuação ministerial, como também na ação dos jovens em comunidades. Decidiu-se pela elaboração de subsídios com conteúdos e indicação de métodos para ajudar ministros/as e jovens a finalizar uma dinâmica, celebração, debate ou qualquer outra forma de interação com jovens e comunidades. O material da publicação não apresentará um texto final, mas subsídios a serem considerados, “aproveitados”, ou incluídos no trabalho com jovens e com a comunidade.

Essa metodologia visa assegurar o envolvimento das lideranças jovem e ministros/as na execução de atividades, que passam pelo diálogo com o contexto e situação/ realidade dos jovens e das respectivas comunidades.

O grupo de trabalho estabeleceu, ainda, que a elaboração dos subsídios considerará as áreas temáticas Projeto de Educação Cristã Continuada: Bíblia – Confessionalidade – missão – contexto. Terá como enfoque: Juventude e a cidade – Considera-se que mesmo no meio rural da região sudeste, o jovem tem ligações com a cidade e deixa pautar-se pela dinâmica da cidade. E, invariavelmente, idealiza a dinâmica da cidade e possíveis benefícios.

O conteúdo da publicação será disponibilizado também em DVD, visando facilitar o uso e/ou adaptações.

Esperança

(Tempo de Advento, antes do Natal)



Motivações e Subsídios

Esperança

Tempo de Advento

-

Autor: G. Lieven

Bíblia
Confessionalidade
Missão
Contexto

Como viver se não houvesse o amanhã?
Tenho muito ainda para fazer!
Como lidar com as minhas coisas velhas,
com os meus erros, com o que está mal
resolvido. Sem esperança, fatalmente
estou condenado a viver longe do movi-
mento sagrado de Deus que socorre,
cuida e transforma a vida.
Preciso do novo que há de vir.

A esperança é uma dimensão fundamental da nossa fé. E o ritual do Tempo de Advento (quatro domingos antes do Natal), favorece a apropriação da esperança como parte viva da fé. Somos chamados para uma esperança viva. A nossa esperança está firmada no Deus que foi crucificado, que conhece a nossa realidade de morte, por misericórdia, instala nela sinais da plenitude da vida. Nele ancoramos nossa esperança.

Vi um novo céu e uma nova terra. A morada de Deus está entre os seres humanos. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor. As coisas velhas já passaram. (Apocalipse 21. 1 ss)

*"Somente em Deus encontro paz e nele po-
nho a minha esperança." (Salmo 62.5)*

... Trabalhamos e lutamos, pois esperamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis. (1 Tm 4:1)

A esperança não é um sonho, mas uma maneira de traduzir os sonhos em realidade.
(Suenens)

Sinto forças e esperança quando vejo comunhão. No encontro de pessoas, tantos gestos de união. Só me envolvo com alegria quando todos tem lugar. Orientados e unidos, temos meios para amar. Veja bem como é possível até mesmo tropeçar. Nós podemos aprender a repartir e perdoar. Veja amigo e amiga nós podemos receber. O Deus vivo está presente ele permite renascer

Pois tu és a minha esperança, SENHOR Deus, a minha confiança desde a minha mocidade. SI 71.5



Prática da Esperança

(Lindolfo Weingäetner)

Uma canoa à beira da laguna.
Um velho pescador, os pés firmados na popa, lançando a tarrafa.
Há meia hora que o estou observando.
É um senhor tarrafeador: Em círculo perfeito a rede cai sobre a água.

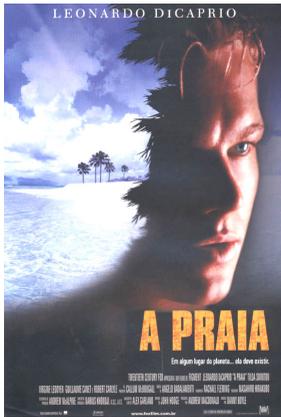
Ele espera, enquanto a tarrafa afunda, até que suas bordas, pesadas de chumbo, tocam o fundo lamacento.
Depois começa a puxar a corda, cauteloso, com mãos esperançosas, ansiosas, sentindo se há vida na rede, ou se vai ser outra esperança desfeita.

A rede está vazia.
Ele a sacode, prepara o próximo lance.
Contei os arremessos: Vinte e três vezes seguidas ele lançou a tarrafa.
Vinte e três vezes a tirou da água, vazia.

Ele sabe:
Há dias em que é preciso lançar a rede, contrariando as expectativas, contrariando o bom senso—vinte vezes, cinqüenta vezes, cem vezes...

Porque é preciso lançar a rede, ensaiando a esperança, praticando a esperança— porque deixar de lançá-la seria o mesmo que desistir, e desistir, seria igual a morrer.

Prática da esperança:
Agradeço-te, velho pescador. Teu trabalho não foi em vão.
Hoje eu necessitava desesperadamente que alguém me desse o recado que me acabas de dar.
Eu o entendi.



A Praia" um filme britânico de 2000 dirigido por Danny Boyle, baseado em romance de Alex Garland e estrelado por Leonardo DiCaprio. Três jovens, depois de vencerem muitos obstáculos chegam ao sonhado destino. Encontram uma pequena comunidade de viajantes, que como eles encontrou "a praia" e vivem em segredo.

Encontram a ilha paradisíaca, "o paraíso". Deixam para trás o mundo que conheciam. Mas na realidade do "céu na Terra" não é tão perfeito. O sonho se tornou pesadelo. O paraíso virou um inferno.

Os seres humanos conseguem sozinhos criar o paraíso? Nossa esperança restringe-se ao que já conhecemos?

Meditação:

A fé em Deus instala em nós confiança e esperança. Podemos comparar com um suporte lógico (Software) que, no computador, permite a realização de tarefas e projetos. A esperança, de modo semelhante, sustenta o dia-a-dia da pessoa e a desperta para viver em comunhão com Deus, sua vontade e missão.

No tempo de ADVENTO, a Igreja convida as pessoas para confrontarem-se com a sua esperança. Em quem confiam e o que esperam?

Arrisco afirmar que um segmento considerável das pessoas, hoje, está entorpecido pela esperança que se restringe ao seu tempo, ao seu juízo, desejos e vontades - Metas transitórias e materiais construídas pelo conjunto dos esforços e sabedorias humanas.

A esperança que procede da comunhão com Deus, instalada em nós pela fé, assume uma outra dimensão. Transcende o nosso controle, poder e conhecimento. Inclui a participação na construção de sinais do reino, da presença de Deus em nosso meio, uma antecipação de pedacinhos da grandeza que virá.

A Bíblia, nos evangelhos, relata a esperança e a alegria das pessoas que confiaram e reconheceram no menino Jesus de Nazaré, filho de José e Maria, o SALVADOR. Na realidade escura, sem rumo e sem futuro, na escuridão brilhou a luz do Deus misericordioso que veio morar na Criação.

Debate e partilha:

Compartilhar esperanças, aquelas do cotidiano e aquelas relacionadas ao futuro. Sem a armadilha do julgamento—certo e errado— procurar discernir as esperanças construídas para além de interesses e poderes individuais. Onde estão os sinais de plenitude em nossas esperanças?

Jeremias 17.7 :Bendito o ser humano que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR.

Anunciai ao mundo inteiro que Deus é amor!

1 Coríntios 15:19: Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os seres humanos.

Missão:

Não esperamos, pela fé, a plenitude individual. Ela é sempre comunitária. A esperança vivida em comunhão com Deus inclui a todas e todos. Não é um tesouro individual.

Ao esperar o novo que construímos com Deus tornamo-nos gratos e livres, testemunhas, diáconas e diáconos—missionários. A esperança na vida com dignidade, caminhada em comunhão com a presença de Deus, marcada pelos direitos da paz e da justiça, iluminada pela eternidade. Desperta em nós a vontade de dialogar com os outros e, assim, dar conta da nossa esperança.

As pessoas e o mundo estão sedentos de esperança. Os indícios pessimistas sobre a vida, as chantagens sobre o fim dos tempos como condenação e morte, os medos, angústias e perdas envenenam a todos. Essa visão fatalista do presente e do futuro contamina os espíritos e leva, especialmente os jovens, ao fatalismo, ao absolutismo e violência. Com facilidade destroem a si mesmos e desistem de lutar, de confiar no novo, de entregar para um novo nascimento em Cristo.

A fé em Deus é libertação. Abre horizontes e sara os corações. Dá sentido a vida. Cria comunhão e dá sede de paz, de justiça e de amor. Torna o ser humano perseverante e solidário. Cria esperança.

"Não viva sozinho. Viva com mais amor. Partilhar com os outros te faz transformador. Este é o caminho, caminho do Senhor. Assim é a vida que pulsa, que grita e vai ressuscitar."

Oração:

(Hoje tenho muito a fazer, portanto preciso orar muito. Martim Lutero)

Deus de amor renova em mim a esperança. Cria em mim um espírito solidário. Prepara-me para dialogar com os outros sobre a esperança. Já não sei se tenho fé não percebo a sua presença e o seu cuidado. Rogo por tua graça e amor. Quero ter novos horizontes. Amém.



A desigualdade social está entre as maiores causas da violência entre jovens no Brasil. Ela é o grande contexto, o pano de fundo, onde vive a população mais atingida por esse problema". (Luseni Aquino)

"Não se deixe manipular pelas falsas esperanças, ou pelo mundo sem esperança. A vida digna e plena não se encontra em shows, auditórios, ou em rituais prazerosos. A vida vem da cruz."

"Quem não se vê retratado nos sofrimentos de Cristo, ainda não o compreendeu".
Martim Lutero

Contexto:

Não é fácil descrever o nosso contexto. Mais difícil ainda são os diagnósticos sobre a juventude. Os tempos mudaram e estão sempre mudando. Apresentamos algumas observações sobre o contexto e o perfil de jovens nas cidades. Pois estamos certos de que Deus está presente em nossa realidade, no cotidiano, em nosso meio. A graça e o amor de Deus estão presentes na vida dos jovens. Quem são eles? Onde vivem? E o quê esperam?

Jovens com acesso ao consumo e a tecnologia:

Jovens, vocês que nasceram na década de 80 e 90, hoje, estão munidos de muita informação local e global e em tempo real. Estão inundados por tecnologias. No lugar de esperança estão dopados pela vida hedonista, que busca o prazer em primeiro lugar. São individualistas, ao mesmo tempo, cosmopolitas. São capazes de consumir produtos que comprometem os recursos naturais e, ao mesmo tempo, simpatizarem com as causas de defesa do meio ambiente. São familiarizados com o cotidiano que inclui as multitarefas. Combinam facilmente esportes, trabalho, estudo, prazer, viagens, música. As suas escolhas, valores e visão da realidade não fogem desse "mundo" virtual e pessoal.

Jovens sem informação, formação, espaço, reconhecimento, inclusão:

Simultaneamente, há jovens no espaço da cidade, também hedonistas e alimentados por muitos desejos e vontades, da mesma geração, que sobrevivem com menos chances, oportunidades e dignidade. Devido sua origem e condição social não têm acesso aos meios tecnológicos, oportunidades de formação, de movimentação, de interação que possibilitam o consumo e o acesso a sustentabilidade.

As situações em que vivem os jovens, suas escolhas, prisões, liberdades e esperanças são múltiplas. Não podemos esquecer de mencionar os jovens indiferentes com o seu meio e contexto. Com seus medos e verdades preferem a proteção de um mundo menor.



Organizem um debate sobre o contexto dos jovens. Ajudem os jovens a verbalizar o seu mundo, suas expectativas, críticas, sonhos e esperanças. Cultivem os valores do diálogo que facilitam o aprendizado.

Apesar de ser um agravante das situações de violência, números de pesquisas mostram que a pobreza não é a preponderante causa do comportamento violento, mas sim a desigualdade social.

“Como a violência afeta mais os pobres, é usual fazer um raciocínio simplista de que a pobreza é a principal causadora da violência entre os jovens, mas isso não é verdade. O fato de ser pobre não significa que a pessoa será violenta. Temos inúmeros exemplos de atos violentos praticados por jovens de classe média”.
(Pesquisadora Enid Rocha)

A pesquisadora Thais Cardinale Branco, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) estabeleceu a relação da violência com o comportamento e os valores de jovens que vivem em bairros da periferia de São Paulo. Segundo ela, a violência é um atrativo. Armas, drogas e homicídios tornam-se sedutores para jovens que vivem em condições sem perspectiva diante da pobreza do meio em que vivem. Mais do que o retorno financeiro, a expectativa é de que a escolha pelas atividades ilegais seja uma maneira de adquirir respeito e admiração.



"Os jovens que vivem em comunidades carentes e em situação de risco são os que estão mais sujeitos ao que chamamos de desestruturação social múltipla." *Márcio Lázaro, do Laboratório de Análise da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).*

Uma Confissão de Fé:

Creemos no Deus, Criador e Solidário;
Creemos em Jesus Cristo, amor que se fez gente, venceu a morte e salvou a vida;
Creemos no Espírito Santo, sopro de vida e criatividade, que santifica.

Creemos que o trino Deus nos capacita e nos dá coragem para mudar a nossa realidade e o mundo.

Creemos que Deus age em nós e através de nós.

Creemos na graça de viver pela fé;

Creemos na ESPERANÇA. Sonhamos com um mundo novo e com a plenitude da vida;

Creemos na justiça e na paz.

Creemos no reino de Deus. Amém.

(Inspirado no Credo da Juventude Brasileira—CESE)

Oração:

Ó Deus da vida plena, da paz e da justiça, Deus de amor e esperança damos-te graça porque os sinais do teu Reino está entre nós e, por graça, deles podemos participar. Damos-te graças, porque não nos deixas sozinhos em nossos contextos. Graças, ó trino Deus, porque em ti podemos sempre confiar e esperar. Santifica a nossa esperança na plenitude. Rogamos te, ó Deus, para que despertem compromissos nas autoridades do mundo e do nosso país em favor da construção de estruturas de ensino, formação, com espaços para todos e todas. Desperta em nós a indignação diante da violência e das desigualdades. Dá-nos coragem para viver comunhão contigo e em comunidade. Concede-nos forças para denunciar os poderes da morte. Rogamos o teu cuidado em favor de todos os jovens do mundo. Afasta-nos do mal. Em no me da plenitude da vida, por Jesus Cristo. Amém.



DINÂMICA PARA FACILITAR O DIÁLOGO SOBRE OS MOTIVOS DE ESPERANÇA

Se o grupo for muito grande dividir em pequenos grupos.

Material utilizado: uma folha em branco e caneta, para cada participante.

Tempo: trinta a quarenta minutos, aproximadamente.

Processo:

O animador, no início, apresenta os objetivos da dinâmica.

A seguir, escreverá num quadro ou numa cartolina as seguintes perguntas:

Qual é para mim a melhor palavra para descrever esperança e por quê?

O que me faz ter esperança no futuro?

Posso ter esperança de um mundo melhor se eu lutar sozinho? Por quê?

Pelo espaço de dez minutos, todos respondem às três perguntas por escrito.

O animador organiza subgrupos de cinco pessoas, que se reunirão, pelo espaço de quinze minutos, para partilhar as respostas. A síntese das respostas, de cada grupo, será, a seguir, apresentada no plenário.

Reorganiza-se o plenário para o relato das sínteses dos subgrupos, os comentários e a avaliação do exercício.



Esperança

Esperança é como frutas. São muitas, com muitos sabores, cores e formas. Tal como árvores frutíferas produzimos e carregamos esperanças.

As esperanças que mudam as pessoas procedem da fé da graça, do amor e das promessas de Deus.

Cremos que o reino de Deus está entre nós. Cremos que Cristo na cruz venceu a morte e na ressurreição inaugurou a eternidade. Cremos que a salvação veio ao mundo por meio de Jesus Cristo.

Cremos que o Espírito Santo de Deus, que sopra como e onde quer, assegura a participação de todos, pela fé, neste reino de amor incondicional e de vida sem fim.

Portanto, quer vivamos ou morramos somos eternos, filhas e filhos de Deus, chamados para a vida de justiça e de paz.

Pela fé nossas esperanças são legítimas e interagem com a presença salvadora de Deus. São frutas que resultam do cuidado de um agricultor misericordioso, de uma árvore que gesta a vida, movida pelo vento espírito, que espanta o mal, purifica e refresca.

Vivemos tocados pela misericórdia de Deus. Sustentados pelo Espírito e pela presença do Salvador. Alimentados pela nova aliança, feita de partilha e doação. Pela fé e com a esperança vivemos sem medo. Se erramos, podemos começar de novo - somos perdoados. Se caímos, somos levantados - somos amparados. Se perdemos, surpreendentemente novas janelas e portas se abrem com um novo horizonte - somos guiados. Vivemos como livres.



Deus se Revela no Quotidiano *(Tempo de Epifania)*

Onde descobri-lo? Como percebê-lo?

A Dinâmica do amigo secreto/oculto

É costume nas festas de fim de ano organizar a brincadeira do amigo secreto. Tiramos um nome no papelzinho, compramos um presente, e no dia marcado fazemos a revelação. Faz parte da brincadeira escrever mensagens para a pessoa amiga, e no dia da revelação dar pistas, fazer comentários sobre a pessoa, às vezes brincando outras vezes falando dos sentimentos, admiração que se tem por ela. A brincadeira fica interessante quando consegue-se fazer surpresa.

Epifania é um tempo assim, cheio de surpresas! Onde Deus vai se revelando aos poucos, aos que tem os olhos abertos e um coração sensível.

Epifania é o tempo no calendário litúrgico que acontece após o Natal, depois das comemorações do nascimento do menino Jesus. Parece que depois do Natal nada acontece na Igreja. Há um vazio nas atividades, as pessoas de um modo geral, em especial a juventude e as crianças estão em férias, e as/os pastores saem de férias. Diz-se que o ano começa depois do carnaval. E até lá o que acontece? Será que Deus também sai ou saiu de férias depois do nascimento de Jesus?

**Motivações e
Subsídios**

**Deus se
Revela no
Quotidiano**

Tempo de Epifania

—

**Autora: Pa. Neusa
Tetzner**

**Bíblia
Confessionalidade
Missão
Contexto**



“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens, e reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.”

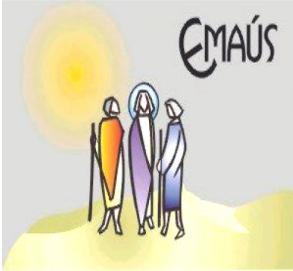
O evangelho de Lucas narra os acontecimentos deste tempo litúrgico, como Jesus vai se revelando ao mundo, e como as pessoas vão percebendo que aquele menino nascido em Belém é o Messias.

Assim como nós levamos nossas crianças para o Batismo na Igreja, Jesus também foi levado ao templo para ser apresentado ao Senhor. Depois da apresentação de Jesus, Simeão e a profetisa Ana percebem que aquela criança é a que devia vir ao mundo para salvar e por isso glorificam a Deus. (Leia: Lucas 2.25-40)

O tempo vai passando e Jesus vai crescendo, e aos poucos Deus vai revelando, em especial para Maria, a missão do menino. Os doutores da lei não perceberam, que sentado no meio deles, estava aquele que foi prometido e enviado por Deus. (Leia: Lucas 2.41-52)

O mistério da fé nos ensina que a revelação de Jesus é algo que se dá aos poucos. Só aquelas pessoas que tem os olhos atentos e o coração aberto é que O percebem. Maria olhava para o filho e percebia nele algo especial, mas guardava tudo no seu coração.

As mães tem, muitas vezes, esse pressentimento e por isso cuidam dos seus "filhotes" de maneira especial. Observem cm atenção os cuidados das mães (Também as mães da nossa fauna...).



Deus se revela no olhar e no amor da mãe, do pai, do amigo, ...

Depois da morte cruel de Jesus, da crucificação, seus amigos estavam desconsolados. O coração entristecido impedia os olhos de enxergar que Jesus caminhava ao lado deles. Foi preciso um gesto concreto para que seus olhos se abrissem. E na partilha do pão descobriram que caminhando ao lado deles Jesus se revelava amigo e companheiro de todas as horas.

(Leia o texto de Lucas 24.13-25).



**Amor quando se
revela, não sabe se
revelar.**

**Sabe bem olhar pra ela,
mas não lhe sabe falar.**

**Quem quer dizer o que
sente não sabe o que
há de dizer.**

**Fala: parece que
mente...**

**Cala: parece
esquecer..."**

*(Fernando Pessoa - O amor,
quando se revela (versos 1-2))*

Diálogo e Reflexão:

Na vida precisamos prestar atenção nas pessoas que caminham ao nosso lado. O que elas nos revelam? ou querem nos revelar? O que as palavras e os gestos de nossas mães, pais e amigos revelam?

Muitas vezes, queremos ver coisas grandiosas, espetaculares e não percebemos que nas coisas simples e pequenas encontra-se o verdadeiro tesouro.

Propomos um diálogo, partilha de experiências, sobre os enigmas da revelação. Sugerimos que arrisquem interpretar fatos e momentos da vida. Quando a presença de Deus nos surpreende e faz novas as coisas vencidas?



*Rendei graças
ao Senhor. Revele
para as
pessoas os seus
feitos e o seu
amor.
Cantai a ele
hinos e falem
das suas Mara-
vilhas.
Buscai a Deus e
a sua graça.
Vivei em comu-
nhão com ele.*

Credo da Epifania

Creio em Deus, Vida e Amor.

Só assim é que vivemos, nos movemos e existimos... Deus nos salva e nos chama a compartilhar da sua Presença, não em atenção as nossas obras, mas em virtude de seu desejo e de sua graça infinita.

Creio que esta graça nos foi dada em Cristo Jesus que hoje manifestou a sua misericórdia para com toda a humanidade, rompendo todas as cadeias ao aniquilar a morte e resplandecer a vida, com bondade e compaixão.

Creio que Jesus nos convoca ao seguimento, caminhando ao nosso lado, compartilhando a nossa condição, criando comunidades, inaugurando uma nova era.

Creio na ternas e eternas relações humanas, na saborosa teimosia da esperança, na companhia universal dos artistas e na confraria multiforme dos apaixonados pela vida – defensores da paz.

Creio que cada criatura reflete o toque inovador do sempiterno Criador e que é possível um tempo de felicidades, pois o amor soprou seu aroma sobre nós, perfumando nosso caminho com a brisa de sua rebeldia.

Creio que ele veio ao nosso encontro e nos convida a trilhar o seu futuro.

Rubem Alves, (org) Culto Arte -Advento e Epifania, p. 82.



DINÂMICA PARA FACILITAR DIÁLOGOS SOBRE OS DESAFIOS DO RELACIONAMENTO HUMANO

EXERCÍCIO DOS TALHERES

Objetivo: conscientizar o grupo acerca de certos comportamentos que temos em família, tais como: isolamento, ruptura, colaboração, solidariedade.

Material utilizado: uma folha de papel em branco e caneta para cada participante.

Tempo exigido: 40 minutos, aproximadamente.

Processo

O animador explicita, inicialmente, o objetivo do exercício e sua dinâmica, dando as características dos talheres.

Faca: corta, fere, separa, divide e isola.

Colher: empurra, recolhe, encaminha, dirige, faz tudo de uma maneira suave. Reúne e recolhe.

Garfo: espeta, desmancha, agarra, prende, fere.

Após a explicação, o animador dará um tempo de quinze minutos para que cada participante possa refletir e perguntar-se quando exerce a função de faca, colher ou garfo, ou um pouco de cada. Cada um anota suas observações na folha.

Em seguida cada um expõe ao plenário suas observações. Ao final todos são convidados para partilhar comentários, conclusões e avaliação do exercício.

Atenção: Este é um exercício de confiança. Portanto é aconselhável que seja feito num grupo onde os integrantes se conhecem ao ponto de instalar um clima de respeito mútuo, para não haver constrangimento, etc. O objetivo desse exercício é expor os participantes às contradições do relacionamento familiar e social.



Parábola do Filho Pródigo

EPIFANIA

Motivações e Subsídios

A Parábola do Filho Pródigo

EPIFANIA

-

Autor: Alberi Neumann

Bíblia

Confessionalidade

Missão

Contexto

Contexto:

A parábola do **Filho Pródigo** (a palavra "pródigo" significa "desperdiçador, gastão, extravagante") é talvez a mais conhecida das parábolas de Jesus, apesar de aparecer apenas em um dos evangelhos canônicos. Ela poderia até receber outros títulos ainda, tais como: **"o pai misericordioso", "o pai e seus dois filhos"**, etc.

Essa parábola surge como uma reação de Jesus a fariseus e escribas que julgam a postura dele, de relacionar-se, de dialogar, de ter comunhão com pessoas tidas pela sociedade da época como de má fama, pecadoras ou impuras. Ela é muito rica em significado e permite abordar temas como **o juízo frente aos "perdidos" de hoje, a intolerância, o fundamentalismo, o moralismo, relacionamentos humanos, o consumismo e suas vítimas, a reconciliação na família humana, a discriminação, inclusão e exclusão, a alegria, a graça de Deus que acolhe a todos/as, etc.**

Pensamos que este tema tem muito a contribuir com os jovens no contexto da cidade, pois quando falamos dela falamos de um contexto complexo, multifacetado, multiforme, diverso, amplo, capitalista, consumista, neoliberal e cheio de desafios, pois é nela que somos chamados a ser sal e luz.



LUCAS 15. 11-32 O TEXTO E O CONTEXTO

O texto bíblico em questão faz parte de um contexto maior e é precedido por outras duas parábolas (“a parábola da ovelha perdida” e “a parábola da dracma perdida”), onde os temas são “o perdido, o encontro e a alegria”.

As parábolas citadas querem instruir na compreensão de que a solidariedade de Jesus vai além dos paradigmas dos seus opositores, porque está baseada no amor de Deus e não na letra da lei.

No início do capítulo 15 (vv. 1-2), lemos: “*aproximaram-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles*”. **Assim, as três parábolas são uma resposta que Jesus dá a fariseus e escribas que murmuravam pelo fato de Ele receber, misturar-se e comer com os cobradores de impostos e gente de má fama.** Estas pessoas de “comportamento correto” perante a lei não compreendiam (murmuravam) como Jesus combinava a proclamação do Reino de Deus e a sua comunhão com os pecadores.

Os fariseus eram líderes religiosos que observavam os costumes e as leis com muito rigor e exigiam a mesma coisa das outras pessoas. Consideravam impuro quem entrasse em contato com doentes, pagãos e pecadores. **Os escribas** se consideravam os “donos” do saber, pois eram praticamente os únicos que sabiam ler e escrever. Interpretavam as leis e ensinavam ao povo como deveriam cumprilas. Jesus, porém, os repreendem, dizendo que não praticavam o que ensinavam. **Os publicanos** eram pessoas que cobravam impostos. A população não gostava deles, porque o dinheiro era entregue aos romanos e não beneficiava os próprios habitantes. O povo era explorado com estes altos impostos e ficava mais pobre. **Pecadores** são as pessoas que os murmuradores excluem da comunhão com Deus, porque as consideram injustas ou impuras.

As parábolas citadas querem instruir na compreensão de que a solidariedade de Jesus vai além dos paradigmas dos seus opositores, porque está baseada no amor de Deus e não na letra da lei.

Jesus não nega que o amor de Deus inclui os que vivem corretamente diante da lei e não nega que os céus se alegram com a sua coerência, **mas nega-lhes o direito ao desprezo, ao julgamento do outro, a exclusão** e afirma que haverá alegria maior com o perdido que volta. Além disso, Jesus estimula os que murmuram a se alegrar com a alegria de Deus pela conversão e a volta dos “perdidos”. Deus ama os pecadores, não por causa do pecado deles, mas por causa da sua divina misericórdia. Essa é a justiça de Deus, que vai muito além da justiça dos que dividem as pessoas em merecedoras e não-merecedoras do seu amor.

Deus ama os pecadores, não por causa do pecado deles, mas por causa da sua divina misericórdia. Essa é a justiça de Deus...

Mais do que exigir vida correta e prática piedosa, Jesus convida-os para a comunhão e para a dedicação àqueles que são desprezados por serem considerados perdidos. Jesus convida os murmuradores a se incluírem na alegria dos céus, da qual se auto-excluem, quando excluem a outros.

Esta parábola trata de dois filhos que se perdem por culpa própria, afastam-se e rompem a relação com o pai. Quebrada a relação, um dos filhos cai fundo, acaba na miséria, vai cuidar de porcos, o que é, aos olhos dos judeus da época, a expressão máxima de uma vida impura (para os judeus os porcos são animais impuros). Significa humilhação total e perdição plena. Comer a comida dos porcos, tornar-se “porqueiro”, significa alcançar o fundo do poço, era como virar gentio, pagão. E vejam só: no fundo do poço surge o desejo da volta, da conversão (mudança de mentalidade e atitudes).

O outro filho progride e usa o seu progresso e a sua vida regrada como auto-suficiência, afastando-se, com isso da relação com o pai, **o que se evidenciam o desprezo e julgamento ao irmão**, quando este volta.

O pai, por sua vez, vai ao encontro do filho que volta, acolhe-o com festa, anel, veste nova e beijo, todos símbolos para o restabelecimento da relação “pai-filho”. O comportamento do filho mais velho é frio, invejoso, cheio de desprezo, convicto dos seus méritos, desenha o perfil dos opositores legalistas que murmuram (fariseus e professores da lei).



O filho mais novo volta, e a alegria é grande. O filho mais velho permanece afastado, longe do pai e longe do irmão. A parábola não diz se ele volta ou não, porque ela responde aos que murmuram. Eles mesmos são o filho mais velho (fariseus e professores da lei), e são eles mesmos que devem decidir se voltam.

REFERÊNCIAS DE CONFSSIONALIDADE



Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: o justo viverá por fé” (Rm 1.17)

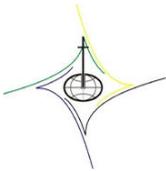
Ao ler e estudar com afinco a carta de Paulo aos Romanos, Lutero redescobriu o Deus misericordioso, que nos justifica, aceita, independente das obras da lei... *"Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: o justo viverá por fé" (Rm 1.17)*. Aprendemos, assim, que todas as pessoas são ao mesmo tempo justas e pecadoras, carecedoras da glória de Deus, como está também escrito em Romanos 3.23 e 28: *"pois todos pecaram e carecem da glória de Deus"; "Concluimos, pois, que o ser humano é justificado pela fé, independentemente das obras da lei"*.

Assim, aprendemos do testemunho bíblico, e de Lutero, que o ser humano é totalmente incapaz de fazer qualquer coisa para a sua salvação. Paulo ensina como se operou a nossa salvação: *"Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados ... e estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, - pela graça sois salvos" (Ef 2.1,5)*. Foi "pela graça", diz Paulo, que fomos vivificados, estando nós mortos.

A doutrina da inabilidade total do ser humano para salvar-se foi um dos marcos da Reforma. No seu livro "Da Vontade Cativa", Lutero nega que o ser humano tenha livre arbítrio, ou seja, a capacidade de escolher entre o bem e o mal, depois da queda. Vendido ao pecado, o ser humano não tem mais a habilidade para escolher o bem, pois sua vontade está presa ou escravizada pelo pecado. Só pode e só quer escolher

o pecado. A salvação é, portanto, exclusivamente ato da livre e soberana graça de Deus.

Voltando ao texto de Lucas 15. 11-32, percebemos agora que tudo fica mais claro ainda: Jesus veta aos fariseus e escribas o direito de “se acharem merecedores” da graça de Deus e conseqüentemente, autorizados a dizer quem a merece ou não a merece. Isso só cabe a Deus, que é rico em misericórdia. Ou seja, a salvação é por graça e não por méritos e boas obras.



A missão de Deus é amar o mundo e mostrar ao mundo o seu amor. O sinal mais claro e inequívoco do amor de Deus pelo mundo é seu Filho Jesus Cristo. Ele tornou-se gente como nós, viveu e morreu, e Deus o ressuscitou para que pudesse mostrar a paixão divina por toda a sua criação. Essa é a missão de Deus: amar o mundo a ponto de entregar o seu próprio filho. E é essa missão de Deus que constitui a nossa paixão.
(PAMI)

IMPULSOS DE MISSÃO

A parábola do Filho Pródigo nos oferece algumas chaves de leitura e missão:

Poderíamos refletir no grupo de jovens sobre inclusão e exclusão.

Aprendemos de nosso texto bíblico que os fariseus e escribas com a atitude que tiveram quebraram e transgrediram os mandamentos, pois negaram a Deus e também não prestaram serviço algum ao próximo. Ao julgarem os outros, eles mesmos não cumpriram um ponto sequer da lei. Se eles tivessem dito: “Ó Jesus, nós todos somos pecadores, tem misericórdia de nós!”, então teriam cumprido o primeiro mandamento de Deus, uma vez que teriam dado honra e louvor a Deus e não estariam se colocando no lugar Dele. E se, depois, tivessem dito: “Ó Jesus, vejo que aqueles ali são pecadores, ajuda-os a entrar no Reino também, bondoso Senhor!”, e tivessem intercedido por eles, teriam cumprido também o outro mandamento, o do amor cristão, como Paulo diz e ensina (Gálatas 6.2): “Levai as cargas uns dos outros e assim cumpriremos a lei de Cristo”. Mas acontece que eles tentam impedir que a graça de Deus seja dada a todos. Ao mesmo tempo, estão cheios de ciúmes e inveja, ao passo que se Deus lhes permitisse serem juízes, empurrariam os publicanos e pecadores para fora da graça de Deus. E isso nos é apresentado para que não imitemos o exemplo dos fariseus e escribas.

Oração:

Querido Deus, criador do mundo e de todos os seres vivos, obrigado por tua maravilhosa criação. Ajuda-nos a cuidar deste mundo multicolorido criado por ti. Tu vieste a nós através de Jesus Cristo, manifestando a tua misericórdia. Querido Deus, através da fé obtivemos acesso à graça da justificação, revelada em Jesus Cristo, sem méritos de nossa parte. Enche a nossa vida de atitudes que não confundem, que não excluem, mas que antes reconciliam, unem e promovem inclusão. Derrama o teu amor em nossos corações e vidas através do Espírito Santo. Dá-nos a tua paz na unidade da ação do teu poder. Amém.

Poderíamos refletir no grupo de jovens sobre “os filhos gastões e suas famílias”.

jovens ou famílias acabam se endividando com seus cartões de créditos, iludidos pelo consumismo, e acabam com o “nome sujo na praça”, pagam juros altos e comprometem até mesmo seus estudos ou sonhos, sofrendo muito com isso. É possível ler online a matéria do jornal FOLHA DE SÃO PAULO “Famílias comprometem em média 42% da renda para saldar dívidas” (<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1136899-familias-comprometem-em-media-42-da-renda-para-saldar-dividas.shtml>)

Poderíamos refletir no grupo de jovens sobre discriminação e intolerância.

A inimizade entre judeus e gentios vinha da lei. Ao superá-la, Jesus mostra que nem judeus (o correto irmão mais velho) tampouco pagãos (o irmão que está perdido no mundo, à procura de um sentido de vida) precisam fazer algo para reconciliar-se com Deus, a não ser amar-se, o verdadeiro caminho da superação. A família experimentou uma crise no retorno do filho, mas o amor do pai ensinou o respeito mútuo. A proposta de Cristo pede para que se pare com a produção de atrocidades e se passe a viver em amizade e unidade; que se pare com os juízos arbitrários e se ensaie a inclusão.

Nessa nova condição, o ser humano é tido como amigo de Deus; visto de forma igual e não-discriminatória ou partidária. O desafio trazido à humanidade é poder olhar uns para os outros sem discriminação, assim como Deus olha para seus filhos/as.

A perspectiva divina para os relacionamentos humanos e planetários é que a igualdade amorosa se realize em seu meio, estendendo-se inclusive, para todo o ecossistema: os animais e a natureza que habitam o planeta.



DINÂMICA PARA FACILITAR O DIÁLOGO SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DAS ESCOLHAS

Escolhas

Objetivo: Demonstrar que todas as nossas escolhas tem consequências e que ninguém está isento de fazer escolhas erradas, ruins.

Material: Uma cadeira confortável, uma cadeira 'normal', uma cadeira desconfortável. Papel, caneta e fita adesiva. Alguns prêmios para distribuir

Tempo: quinze a vinte minutos

Processo:

1 - O Animador pede a alguns jovens (3 ou 4 dependendo do tamanho do grupo) para se retirarem da sala. Então dispõe as três cadeiras diferente uma ao lado da outra. Num pedaço de papel escreva **prêmio** e cole debaixo da cadeira desconfortável. Em outro pedaço de papel escreva **castigo** (o castigo o grupo poderá escolher, tipo; contar para o grupo algo engraçado, ou cantar uma musica, etc) e cole debaixo da cadeira confortável. Em outro pedaço de papel escreva **dizer um versículo bíblico** e cole debaixo da cadeira normal.

2 – Então chame os voluntários um por um e peça para que eles escolham uma das três cadeiras para sentar. Depois que cada um sentou na sua cadeira o animador revela que tem debaixo da cadeira uma tarefa para cumprir.

3 – Conversar com o grupo sobre as consequências das nossas escolhas. Muitas vezes escolhemos algo pensando que será bom, e que só mais tarde descobre-se que a escolha foi errada. Assim como o filho pródigo.





O Silêncio Ativo de Deus

(Tempo de Paixão)

Motivações e Subsídios

O Silêncio Ativo de Deus

Tempo da Paixão

-

Autor: Pedro Alonso Puentes Reyes

**Bíblia
Confessionalidade
Missão
Contexto**

"O mundo e a vida, em sua situação presente, estão profundamente enfermos. Se eu fosse médico e tivesse de receitar, depois de consultado, diria: 'Criaí o silêncio!'" (Kierkegaard)

Na vida há diferentes silêncios. Silenciamos quando somos pegos de improviso. Ficamos sem palavras porque o inusitado aconteceu. Leva um tempo até a gente organizar as ideias e reagir. Está, também, o silêncio que vem do medo. Quando somos atingidos pelo medo ficamos paralisados. Tememos as consequências e ficamos quietos. Mas, há silêncios que se produzem perante a beleza. Quem de nós já não teve a experiência de chegar a um lugar cujo encanto envolve de maneira tal que silenciar é a melhor maneira de estar ali. Ou o silêncio que há numa melodia. Isso mesmo, uma música está composta de notas e silêncio. Sem os intervalos de silêncios não há melodia. Pois é, quem pegar a melodia num intervalo de silêncio pensaria que ali não tem nada. Com a vida de fé acontece algo similar. Há momentos nos quais o silêncio se torna insuportáveis, silêncios nos quais nos sentimos abandonados por Deus e tudo parece desabar. Mas, a nossa fé entende que Deus está agindo mesmo que nós não o percebamos. Esse é o silêncio ativo de Deus. Vejamos alguns desses silêncios.

O silêncio e a procura de Deus

Nenhum de nós é um super homem ou mulher. Temos limites e nos esgotamos, e quando isso acontece se faz necessário se recolher para descansar e encontrar um fundamento que nos sustente. Toda vez que nos recolhemos, seja desconectando-se do mundo desligando o celular, o computador, a TV, etc. ou fazendo um passeio, ou participando de um retiro, temos a oportunidade de olhar para nós mesmos e avaliar o andamento da nossa vida. Esse recolhimento, que pode parecer um abandono da vida, mas no fundo ele é o que permite abraçar a vida com todas as nossas forças.

Sobre o valor do silêncio e recolhimento o monge beneditino Grün anota o seguinte relato:

CONFISSÃO

Que esta minha paz e este meu amado silêncio

Não iludam a ninguém

Não é a paz de uma cidade bombardeada e deserta

Nem tampouco a paz compulsória dos cemitérios

Acho-me relativamente feliz

Porque nada de exterior me acontece...

Mas,

Em mim, na minha alma,

Pressinto que vou ter um terremoto!

Mario Quintana

Uma história de monges conta que três estudantes se tornaram monges. Cada um propôs a si mesmo realizar uma boa obra. "O primeiro escolheu o seguinte: desejava reconduzir à paz aqueles que estavam brigando, orientando-se pelas palavras da Escritura: A bem-aventurança será dos que zelam pela paz. O segundo desejava visitar enfermos. O terceiro foi ao deserto para lá viver em paz. O primeiro, que se empenhava por aqueles que estavam brigando, não pôde curar a todos. Tomado pelo desalento, dirigiu-se ao segundo que servia aos enfermos e percebeu que este também estava desanimado, pois também não conseguiu realizar plenamente o que planejara. Sendo assim, os dois concordaram em procurar pelo terceiro que havia ido ao deserto; falaram

de suas dificuldades para ele e pediram que este lhes dissesse sinceramente se foi bem-sucedido. Ele ficou em silêncio por um tempo, despejou um pouco de água em um recipiente e pediu que olhassem para dentro do mesmo. A água, no entanto, ainda se encontrava muito agitada. Após algum tempo, pediu que olhassem mais uma vez, e disse: "Observem o quanto a água se tornou mais calma agora". Olharam para ela e viram os seus rostos como em um espelho. Em seguida, continuou: "Assim se sente aquele que permanece entre os homens; a agitação e a confusão não permitem que perceba os seus pecados. Quem, no entanto, procura pela tranquilidade e, principalmente, pela solidão, logo reconhecerá os seus erros". (Anselm GRÜN. Fontes da força interior: evitar o esgotamento, aproveitar as energias positivas. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008. P. 130-131).

"É no silêncio que se educa o talento, e na torrente do mundo o caráter." (Goethe)



Os evangelhos (Mt 4. 1-11; Mc 1. 12-13; Lc 4. 1-13) nos narram que Jesus antes de iniciar o seu ministério passou um período de tempo no deserto. Perante as necessidades do povo e a urgência da palavra do evangelho esse retiro de silêncio de Jesus parece um contrassenso. Mas, ele foi um tempo fértil, de aprimoramento do fundamento do seu ministério. Após essa experiência está claro, para Jesus, a fonte do seu sustento de vida. Por isso ele se entrega plenamente ao seu ministério.

O Silêncio como abandono de Deus

Quem já não se sentiu sozinho e abandonado em momentos de dificuldade? Mesmo sabendo que Deus prometeu no batismo estar sempre conosco, tem vezes nas quais não conseguimos perceber a sua presença. Mesmo que sabemos que Deus com o seu amor nos envolve e carrega há ocasiões nas quais nos parece que ninguém se interessa por nós. Em outros momentos nos dá a impressão de que todo mundo nos odeia. Algo similar nos é narrado num salmo de Davi: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Por que ficas tão longe? Por que não escutas quando grito pedindo socorro? Meu Deus, durante o dia eu te chamo, mas tu não respondes. Eu te chamo de noite, mas não consigo descansar." (Sl 22. 1-2). Em momentos como esses surge a pergunta: "onde está Deus?". Pode parecer estranho, mas esses momentos são chamados de "silêncio ativo de Deus". Quer dizer, sem que nós o percebamos Deus está agindo.

A esse respeito escreveu o pastor Bonhoeffer escreveu o seguinte:

"Deus o desamparou, para prová-lo e fazê-lo conhecer tudo o que lhe estava no coração" (2ª Crônicas 32.31). Na tentação se revela o coração do homem. É então que o homem reconhece o seu pecado, o qual sem a tentação jamais reconheceria, pois na tentação ele se apercebe do que lhe prende o coração. É na obra do acusador que o pecado vem à luz, que então acha que obteve a vitória. Mas só o pecado manifesto pode ser conhecido, e por isso também pode ser perdoado. Neste sentido a revelação do pecado é parte do propósito salvador de Deus com o homem, e a este propósito Satanás tem de servir. (Dietrich BONHOEFFER. *Tentação. São Leopoldo/RS : Sinodal. 1999. p. 50*).



Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.

Romanos 8:38-39

“Os crentes sofrem a hora da tentação completamente indefesos. Seu amparo é Jesus Cristo. E só desde que foi bem compreendido que aos abandonados por Deus tem de acontecer a tentação, podemos falar sobre o fato enunciado pela Escritura como a luta do cristão. Do alto céu oferece o Senhor ao indefeso a armadura celestial, que, mesmo não sendo vista por olhos humanos, afugenta Satanás. Ele nos veste da armadura, põe em nossa mão o escudo da fé, cobre-nos a cabeça com o capacete da salvação, coloca em nossa destra a espada do espírito. É a veste de Cristo, o traje de sua vitória, que ele oferece a sua comunidade.” (Dietrich BONHOEFFER. Tentação. São Leopoldo/RS : Sinodal. 1999. p. 70).

Os evangelhos nos narram que Jesus também passou por situações nas qual se sentiu abandonado por Deus (Mt 27. 46). Isso significa que não há nada de errado que, em momentos de adversidade, tenhamos sentimentos de abandono. O importante é não dar crédito a ele, porque Deus está agindo.

A promessa contra a experiência do silêncio de Deus

Algo que devemos deixar em claro é que como pessoas cristãs vivemos pela fé. Como entender essas palavras? Viver pela fé significa que as experiências de vida não têm a última palavra sobre a própria vida. O apóstolo Paulo escreveu: “Porque vivemos pela fé e não pelo que vemos”. (2ª Co 5.7).



Em silêncio podemos ouvir Deus.

Em silêncio conseguimos receber paz de Deus.

O silêncio permite a nossa sintonia com nós mesmos. Então, em comunhão com Deus, e com a paz dialogamos com as nossas angustias, alegrias, sonhos, dons, medos, perdas, esperanças. ...

Além das nossas experiências da vida está a palavra de Deus. É ela a que, em última instância, molda, configura e transforma o nosso viver. É a palavra de Deus que é viva e eficaz. Quer dizer. Ela, carregada de promessa, traz novidade que cria uma rachadura no muro da realidade que se levanta na nossa frente. Assim, quando tudo parece perdido. Quando nos parece que estamos sozinhos e abandonados, a palavra de Deus fala da presença constante do ressuscitado, do seu amor, da solidariedade com toda experiência humana. Por isso, como pessoas cristãs afundamos toda vez que esquecemos da palavra de Deus e suas promessas. Então, algumas palavras que podemos guardar são:

Contra as nossas experiências de nos sentir abandonados por Deus, a promessa sua presença.

Hebreus 13. 5: "Seja a vossa vida sem avariza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei."

Salmos 9. 9: "O SENHOR é também alto refúgio para o oprimido, refúgio nas horas de tribulação."

Salmos 9. 10: "Em ti, pois, confiam os que conhecem o teu nome, porque tu, SENHOR, não desamparas os que te buscam."

Salmos 27. 10: "Porque, se meu pai e minha mãe me desampararem, o SENHOR me acolherá."

Salmos 37. 28: "Pois o SENHOR ama a justiça e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre, mas a descendência dos ímpios será exterminada."

2 Coríntios 4:8-9: "Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos."

A nossa oração constante

Salmos 119. 8: "Cumprirei os teus decretos; não me desampares jamais."

Salmos 141. 8: "Pois em ti, SENHOR Deus, estão fitos os meus olhos: em ti confio; não desampares a minha alma."

Salmos 141. 9: "Guarda-me dos laços que me armaram e das armadilhas dos que praticam iniquidade."

Orações para os momentos de silêncio de Deus

Orações de Dietrich Bonhoeffer na Prisão no Natal de 1943, contidas no texto: Resistência e Submissão. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1968.

Oração Matinal

Deus, eu te chamo ao despontar do dia. Ajuda-me a orar e a concentrar os meus pensamentos em ti não sei fazê-lo sozinho. Dentro de mim há trevas, mas contigo está a luz; eu me sinto solitário, mas tu não me desamparas; estou desanimado, em ti, porém, está o meu auxílio; invade-me uma inquietude. Tu, entretanto, és a paz; sinto-me tão amargurado, mas Contigo está a paciência; Não entendo teus caminhos, mas tu conheces o caminho bom para mim. Pai no céu louvor e ação de graças sejam-te dados pela tranquilidade da noite. louvor e ação de graças a ti pelo novo dia. Louvar e ação de graças por toda a tua bondade e fidelidade em minha vida passada. Quanto bem tu me oferecestes. Aprenda a aceitar também os males da tua mão.

Senhor, porque tu és meu salvador - confio em ti. Porque por mim passante tanta dor - confio em ti. Da morte me livraste pela cruz; ó faze-me humilde, meu Jesus!

Se bem que meu caminho eu ignorar, confio em ti. Porque teus planos vais concretizar. Confio em ti. Por me guiares, não preciso ver, nem mesmo sempre tudo entender!

(HPD 262)

Certamente não me imporás mais do que eu posso suportar. Tu fazes com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que te servem.

Senhor Jesus Cristo, foste pobre e viveste em misérias, preso e abandonado como eu. Conheces toda a angústia dos homens, tu ficas comigo, quando ninguém me defende. Tu não te esqueces de mim e me procuras, tu queres que eu te reconheça e a ti me converta. Senhor, eu escuto teu chamado e sigo. Ajuda-me!

Espírito Santo, concede-me a fé que me salve de desespero, cobiças e vícios, dá-me o amor a Deus e aos homens que elimine todo o ódio e amargura, outorga-me a esperança, que me liberte de temor e de desalento.

Santo e misericordioso Deus, meu Criador e meu Salvador, meu Juiz e meu Redentor, tu me conheces e conheces todas as minhas ações.

Odeias e punes o mal neste e naquele mundo, sem acepção de pessoas. Tu perdoas os pecados daqueles que te pedirem sincera e contritamente. Amas o bem e recompensas, tanto nesta terra, como no mundo vindouro, com a coroa da justiça.

Diante de ti me lembro de todos os meus (...). Senhor, tem misericórdia de mim. Concede-me novamente a liberdade e permite que depois eu viva de tal maneira a me responsabilizar diante de ti e dos homens. Senhor, seja qual for a experiência deste dia, teu nome seja louvado. Amém. (p. 74-76).

Oração vespertina

Senhor, meu Deus, eu te dou graças, que te aprouve dar fim a este dia; eu te agradeço por permitir que corpo e alma cheguem ao descanso. Tua mão esteve comigo e me protegeu e preservou. Perdoa a pouca fé e toda a injustiça

deste dia e ajuda que eu consiga perdoar a todos que me fizeram injustiça.

Permite que em paz durma debaixo de tua proteção Defende-me contra as tentações das trevas. Encomendo os meus queridos aos teus cuidados e encomendo meu corpo e alma em tuas mãos. Deus, teu santo Nome seja louvado. Amém. (p. 76-77).



Orações para necessidades especiais

Senhor Deus, Grande angústia me sobreveio. Minhas preocupações querem derrubar-me. Não sei mais saída nem solução, Deus, tem misericórdia de mim e ajuda. Concede-me força para suportar o que tu impões, Não permitas que o medo me domine, cuida paternalmente dos meus, da esposa, dos filhos.

Deus de misericórdias, perdoa-me tudo que porventura pecasse contra ti e contra os homens. Eu confio na tua Graça e entrego minha vida inteiramente em tuas mãos; faze comigo conforme te convier e como para mim for melhor. Tanto faz viver como morrer, estou contigo, e tu comigo, meu Deus. Senhor eu espero na tua salvação e no teu Reino. Amém. (p. 77).

DINÂMICAS DE GRUPO



Um só Caminho

Material: corda fina ou barbante espesso e um local arborizado.

Objetivo: Demonstrar que há um só Caminho verdadeiro.

Tamanho do grupo: Equipes de 3 a 6 pessoas.

A equipe de infraestrutura amarra a corda ou barbante em árvores, formando um caminho. O ideal é formar vários cruzamentos entre os barbantes, sendo que apenas um caminho deve chegar ao ponto final.

Os participantes formam grupos, que seguem o "caminho" segurando a corda. Nenhum participante pode soltar-se das cordas e sempre que encontrarem alguma bifurcação devem, em consenso, escolher para onde ir.

Ao final do percurso, compartilhar em grande grupo quais foram as experiências vividas e quantos caminhos falsos tomados. Se possível, fazer uma "ponte" com passagens bíblicas que falem sobre Jesus como sendo o único caminho que leva a Deus e aplicar também a brincadeira ao contexto específico de cada um com relação aos outros caminhos que tomamos na vida.

Doação e Confiança

Material: pedaços espessos de bambu ou bastões

Objetivo: Mostrar que não é fácil aguentar o peso dos outros, mas é satisfatório ajudar as pessoas a atingir o objetivo.

Tamanho do grupo: No mínimo 11 componentes.

Construir uma escada com o grupo utilizando-se de pedaços de bambu para formar os degraus.

Cada degrau é formado por uma dupla que segura o pedaço de bambu. O ideal é que as duplas segurem o bambu (em sequência) na seguinte posição: 1ª e 5ª, agachadas, apoiando sobre o joelho; 2ª e 4ª, na altura da cintura; e 3ª, na

altura dos ombros. Os demais participantes iniciam a passagem. Todo o grupo deve subir e descer a escada humana. Segurar um degrau significa doação, disposição para servir. Subir a escada significa confiança.

O BANCO DOS RÉUS

Um voluntário sai da sala. Todos estão sentados em forma circular.

Na sua ausência o animador pergunta a vários participantes por quê acham que o voluntário deveria sentar-se no "banco dos réus", numa cadeira preparada no centro do círculo.

À medida que os participantes respondem, o animador registra tudo em uma folha. Assim por exemplo: "porque usa óculos", "porque é inteligente", etc.

Ao retornar, o voluntário ocupa a cadeira no centro e deverá fazer a mesma pergunta: "Por que estou nessa cadeira?".

O animador vai dizer que aquela é a cadeira dos réus e que ele está sentado ali porque está sendo acusado de algumas coisas, então lerá as acusações e pedirá ao voluntário para adivinhar os autores daquelas acusações.

O participante adivinhado será a seguir o voluntário que sai da sala para continuar o jogo.

No final perguntar como o condenado se sentiu e como foi para o grupo fazer as "acusações". Não é bom para ninguém sentar no banco dos réus, nem que for de brincadeira, as pessoas só sentam nesse lugar quando são obrigadas. Mas Jesus sentou voluntariamente no banco dos réus, para que nós fossemos absolvidos.

Eu vou torcer (Jorge Ben Jor)

Eu vou torcer pela paz
Pela alegria, pelo amor
Pelas coisas bonitas eu vou torcer, eu
vou (bis)
Pelo inverno, pelo sorriso
Pela primavera, pela namorada
Pelo verão, pelo céu azul
Pelo outono, pela dignidade
Pelo verde lindo desse mar
Pelas coisas bonitas eu vou torcer, eu
vou (bis)
Eu vou torcer pela paz
Pela alegria, pelo amor
Pelas coisas bonitas eu vou torcer, eu
vou (bis)
Pelas coisas úteis que se pode comprar
com dez reais
Pelo bem estar, pela compreensão
Pela agricultura celeste, pelo meu irmão
Pelo jardim da cidade, pela sugestão
Pelo amigo que sofre do coração
Pelas coisas bonitas eu vou torcer, eu
vou (bis)
Eu vou torcer pela paz
Pela alegria, pelo amor
Pelas coisas bonitas eu vou torcer, eu
vou (bis)